

Tudo Uni: uma experiência laboratorial de produção transmídia em jornalismo

Tudo Uni: a laboratorial experience on transmedia production in journalism

Lorena TÁRCIA¹
João CARVALHO²

Resumo

Este relato de experiências teórico-aplicada analisa o processo de construção de um projeto multilaboratorial de produção transmídia em jornalismo no Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH). Reflete sobre acertos e desacertos na busca por reconfigurações nos modos de apuração, produção e compartilhamento de reportagens em plataformas múltiplas, por meio da conexão entre laboratórios de jornalismo impresso, televisão, rádio e web. Os resultados apontam para as dificuldades em âmbito comportamental e indicam resistência por parte de professores e estudantes, diante das mudanças nas rotinas produtivas enraizadas em modos transmissivos de construção jornalística. Demonstram, entretanto, a necessidade de se ampliar este processo experimental, com a incorporação de novos parceiros e o foco em um universo produtivo que se constitua em ambiente propício à produção em perspectiva transmidiática.

Palavras-chave

Jornalismo; Jornalismo multiplataforma; Jornalismo transmídia; Convergência de mídias; Laboratórios de jornalismo.

Abstract

This report analyses the process of building a multilaboratorial project based on the perspective of transmedia journalism at the University Center of Belo Horizonte (UniBH). It reflects about successes and failures when searching for new ways of gathering, producing and sharing news features across multiple platforms, connecting television, radio, press and web. The results point to behavioral difficulties and resistance from teachers and students in changing production routines rooted in a transmissive media culture.

Keywords

Journalism; Multiplatform journalism; Transmedia journalism; Media convergence; Journalism labs.

RECEBIDO EM 14 DE OUTUBRO DE 2015
ACEITO EM 23 DE JANEIRO DE 2016

¹ Jornalista, doutora em Comunicação Social (UFMG/2015), mestre em Educação (PUC/MG, 2007). Formada em convergência de mídias pelo projeto *IfraNewsplex* da Associação Mundial de Jornais, na universidade da Carolina do Sul, EUA. Pesquisadora do Centro de Convergência de Novas Mídias (UFMG), Educomuni: educomunicação, mídias e organizações aprendentes (UniBH) e Era Transmídia (ESPM/SP). Leciona e coordena o laboratório de jornalismo online no Centro Universitário de Belo Horizonte. Contato: lorenatarcia@gmail.com

² Jornalista, mestre em Comunicação Social pela Puc Minas, leciona e coordena os cursos de jornalismo e fotografia do Centro Universitário de Belo Horizonte. Contato: joao.carvalho@unibh.br

Jenkins (2003;2006) define Narrativa Transmídia ou Narrativa Transmidiática como aquela que se desenrola por meio de múltiplos canais de mídia, cada um deles contribuindo de forma distinta para a compreensão do Universo narrativo. Embora o conceito tenha sido desenvolvido por este autor, no contexto do entretenimento e das franquias de filmes, pesquisadores diversos, como Alzamora e Tárzia (2012;2013), Moloney (2011) e Porto e Flores (2012) têm se dedicado a investigar sua aplicação no campo do jornalismo, uma vez que envolve a construção de conteúdo - ficcional ou não -, espreado por diversas plataformas de mídia, envolvendo a audiência em seu processo produtivo.

Alzamora e Tárzia (2013) lembram que, até a década de 1980, cada meio de comunicação se constituía como uma unidade independente. Jornalistas eram formados para atuar na mídia impressa, rádio ou televisão e os instrumentos normativos reconheciam cada indústria de comunicação em sua especificidade (JAMBREIRO, FERREIRA e BASTOS, 2011).

A prática monomidiática ancorava-se na lógica transmissiva que delineava os meios de comunicação de massa da época. Cada veículo era visto como um centro privilegiado de emissão, que atuava de modo autônomo do ponto de vista da produção, circulação e armazenamento da informação produzida em nome da corporação de mídia. (ALZAMORA e TÁRCIA, 2013, p. 1).

Redações de conglomerados, como a Rede Globo, por exemplo, estavam fisicamente separadas, com equipes, equipamentos e rotinas próprios. As reportagens eram produzidas de modo independente em cada meio de comunicação, ou seja, cada veículo pensava suas pautas, possuía suas rotinas, linguagens e modos de produção e distribuição.

Este panorama começou a se modificar em meados de 1990, com a chegada dos computadores em rede às redações. Novas tecnologias e políticas comunicacionais contribuíram para a perspectiva de convergência de mídias contemporânea, na qual outra lógica comunicacional se configura.

Esta perspectiva horizontalizada busca “não apenas integrar a produção e circulação de informações das corporações de mídia em perspectiva plurimidiática, como também associar, em conexões digitais, produção e circulação de informações provenientes de mídias tradicionais” e redes sociais digitais. (ALZAMORA e TÁRCIA, 2013, p. 1).

Um dos fatores preponderantes para a configuração desta outra lógica comunicacional foi a digitalização, por meio da qual as várias formas de comunicação passam a se basear no processo binário, linguagem comum que permite compartilhar as mesmas plataformas, equipamentos e formas de produção. Imagens estáticas, vídeo, som, texto se convertem de produções baseadas nas leis da Física e da Química, para se encontrarem no mundo da Matemática. Este processo se complexifica em meio a um intrincado regime de negócios e práticas sociais.

Onde, até algumas poucas décadas atrás, tínhamos cadeias produtivas claramente diferenciadas e verticalizadas em função de seus negócios, práticas sociais e tecnologias apropriadas, tendemos a ter, de uns anos para cá e cada vez mais daqui para a frente, uma única cadeia horizontalizada, indiferente às distintas plataformas de comunicação ou transporte, mas segmentada conforme a divisão de trabalho, ou de valor, ao longo de todo o processo de produção, distribuição ou recepção de bens e serviços culturais mediatizados. (DANTAS, 2010, p. 2).

Com mercado e tecnologias atrelados e trabalhando em consonância na expectativa de constituírem e atenderem a um fluxo dinâmico de consumo de bens culturais, a criação de novos dispositivos configura mudanças relevantes e efetivas no ambiente midiático e jornalístico, interferindo também nos processos de formação profissional e nas práticas escolares.

Jornalismo transmídia

Existe grande confusão conceitual em torno dos universos midiático e jornalístico, quando se fala de transmídia. Multimídia, *crossmediã*, intermídia, multiplataformas são alguns dos termos agregados ao processo de convergência.

Em relação ao jornalismo, a confusão é ainda maior. Domínguez (2012) alerta para o risco de se colocar novos rótulos em práticas antigas. Trata-se, segundo esta autora, de um termo elástico, com grande variedade de propostas teóricas.

Scolari (2013), por exemplo, defende que todo jornalismo é transmídia. Em suas palavras, "periodismo nasce *transmedia*". A justificativa do professor estaria no fato de um acontecimento ser noticiado primeiro pelo rádio [e, hoje, internet], depois pela televisão, seguido pelo jornal do dia seguinte e da revista semanal. O engajamento, segundo ele, estaria nos telefonemas e nas cartas enviadas às redações. Se todo jornalismo é transmídia, cabe-nos questionar sobre a necessidade e validade do adjetivo. Não nos bastaria falar de jornalismo?

Na tentativa de organizar seu uso, Alzamora e Tárzia (2012) partem das discussões epistemológicas sobre as definições de disciplina, multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar para repensar a relação entre mídia, multimídia, intermídia e transmídia no universo das notícias. Desta forma, para estas autoras:

A perspectiva intermediática [...] deve se referir a formas de produção e circulação de informações que se estabelecem no cruzamento e complementaridade de ambientes midiáticos variados, não havendo, neste caso, deslocamento ou alteração no referencial midiático. Ou seja, o conteúdo informacional é apresentado de forma complementar, por exemplo, no âmbito da televisão, do rádio e do jornal impresso, em um processo integrado no qual cada meio contribui com suas especificidades para a produção conjugada da informação. (ALZAMORA e TARCIA, 2012, p. 31).

Já o conceito de transmídia pressupõe, nesta mesma perspectiva:

[...] não apenas complementaridade midiática, embora esta seja uma característica relevante do processo, mas principalmente deslocamento das características tradicionalmente marcadas pelos ambientes midiáticos. Constituiria, assim, zonas reticulares de miscigenação de gêneros e formatos entre conexões de mídias digitais. O jornalismo transmídia, assim, se constituiria nos interstícios da rede intermídia, não sendo possível caracterizá-lo

como específico de qualquer ambiente isoladamente. (ALZAMORA e TARCIA, 2012, p. 31).

Moloney (2011) ressalta a aplicação dos princípios fundamentais da Narrativa Transmídia de Jenkins (2009) ao jornalismo. Para este autor, a notícia em transmídia teria a característica de **Expansão**, ou seja, uma história pode se tornar viral ao ser compartilhada pelos usuários ou ser explorada em detalhes, oficialmente ou por meio das redes sociais. Também possibilitariam a **Continuidade** ou **Serialidade** ao contemplar as características de cada meio e manter a atenção do público por maior período de tempo. A **diversidade de pontos de vista**, representada na ficção por personagens distintos e outros ângulos da história, seria inata aos princípios do jornalismo e incluiria cada vez mais o ponto de vista do público. A **Imersão** em uma notícia se daria por meio de formas alternativas de narração. **Extrabilidade, Mundo Real e Inspiração para a Ação**, características transmidiáticas, de acordo com Jenkins (2009), condizem com um jornalismo de serviço público, que invista em ações reais para solução de problemas.

Já a jornalista Margaret Looney (2012), propõe cinco dicas para matérias transmídia. Seriam elas:

[1]Manter conteúdo único: em vez de repetir a informação em diferentes plataformas, usar diferentes partes de uma história para combinar com a força de uma plataforma e maximizar a experiência do usuário;

[2]Fornecer um ponto de entrada coerente: certificar-se de que a plataforma utilizada faça com que o leitor interaja de uma forma simples e direta;

[3]Fazer parcerias: os projetos em geral são complexos e exigem o envolvimento de outras empresas, produtores ou profissionais;

[4]Manter o custo-benefício: existem projetos dispendiosos, mas é possível fazer transmídia de forma mais barata, por exemplo, introduzindo mídias sociais para estender a história;

[5]A história é a parte principal: muitas ferramentas criativas podem prejudicar mais do que ajudar. É preciso sempre colocar a história em primeiro lugar.

Desta forma, concordamos com Porto e Flores (2012, p. 16), para quem “a essência da narrativa transmídia está no campo das reportagens, por sua riqueza de conteúdos e de construção narrativa, assim como o tempo de produção de conteúdo deste gênero, que possibilita uma melhor arquitetura textual”.

Esses princípios norteadores da narrativa jornalística transmídia evocam a perspectiva da convergência midiática.

Formação do jornalista em tempos de convergência midiática

Em 2005, os professores da Universidade de São Paulo, Elizabeth Saad Correa e Hamilton Correa (2005) realizaram uma pesquisa multidisciplinar sobre a correlação entre o perfil de habilidades e competências requeridas do profissional de comunicação e as estruturas curriculares de 25 universidades e centros de pesquisa norte-americanos; oito universidades e centros de pesquisa europeus; e doze universidades e centros de pesquisa brasileiros. As conclusões, à época, foram de que as mudanças tinham tornado quase mandatória a introdução de disciplinas nos cursos de graduação e pós-graduação chamados de “informação eletrônica”, “jornalismo on-line” ou “comunicação digital”. (CORREA; CORREA, 2005, p. 2).

A mesma constatação fez, à época, parte do relatório da *Red Iberoamericana de Comunicacion Digital* - Red ICOD (2005). Formada por pesquisadores europeus e brasileiros, a rede tinha como objetivo estabelecer intercâmbio entre universidades e empresas envolvidas na formação de profissionais no universo digital e elaborar propostas concretas, que acelerassem a adaptação das carreiras de comunicação àquela realidade. No que concernia à introdução de novas práticas pedagógicas nas instituições educacionais, havia um dado comum a todos os relatórios apresentados pelas universidades que faziam parte da rede. Tratava-se da constatação de que a difusão de práticas renovadoras é um processo complexo e desigual, que responde a diferentes causas e condicionantes, principalmente à cultura de cada instituição, perfil de professores e também de alunos.

Passados dez anos das pesquisas, os desafios continuam. No Brasil, em 2009, uma missão especial nomeada pelo Ministério da Educação teve como desafio “repensar o ensino de Jornalismo no contexto de uma sociedade em processo de transformação”. (MEC, 2009).

O documento final observou a existência de mais de 300 cursos superiores de jornalismo em universidades e outras instituições de ensino superior em todo o país. Reconheceu a necessidade de considerar “tanto o domínio das técnicas e artes da narração quanto o domínio da lógica e das teorias da argumentação” (MEC, 2009, p. 6) e propôs, entre vários outros pontos, que os projetos pedagógicos dos cursos de jornalismo deveriam observar os indicativos de

Cuidar da preparação de profissionais para atuar num contexto de mutação tecnológica constante no qual, além de dominar as técnicas e as ferramentas contemporâneas, é preciso conhecer os seus princípios para transformá-las na medida das exigências do presente. [Além de] ter como horizonte profissional o ambiente regido pela convergência tecnológica, onde o impresso não seja a espinha dorsal do espaço de trabalho nem dite as referências da profissão, embora conserve a sua importância no conjunto midiático. (MEC, 2009, p. 16).

Em relação aos conteúdos curriculares, o documento propõe seis eixos de formação: fundamentação humanística, fundamentação específica, fundamentação contextual, formação profissional, aplicação processual e, por último, o eixo de prática laboratorial. Este teria como objetivo:

Desenvolver conhecimento e habilidades inerentes à profissão a partir da aplicação de informações e valores, integrando os demais eixos, alicerçados em projetos editoriais definidos e orientados a públicos reais, com publicação efetiva e periodicidade regular, tais como: jornal, revista e livro, jornal mural, radiojornal telejornal, webjornal, agência de notícias, assessoria de imprensa, entre outros. (MEC, 2009, p. 20).

Foi nesta perspectiva, e buscando incorporar ao processo de aprendizagem, as possibilidades expandidas das narrativas jornalísticas

contemporâneas transmidiáticas, que foi pensado o projeto *Tudo Uni*, no Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH).

Tudo Uni

Partindo das novas diretrizes do MEC para os cursos de jornalismo, o Centro Universitário de Belo Horizonte, passou por um processo de reformulação do seu currículo, adotando em sua nova matriz algumas das dimensões das transformações pela qual o mercado da comunicação se submete nos últimos anos. A partir disso, entendeu-se os conceitos de convergência, multimídia e transmídia como transversais entre as diversas disciplinas do curso. A disciplina Trabalho Interdisciplinar de Graduação (TIG) foi incorporada, significando ações práticas pautadas na construção de uma prática jornalística ancorada no conteúdo das disciplinas do período.

Apesar dos conceitos de convergência, multimídia e transmídia estarem presentes de forma transversal, na grade curricular do curso de jornalismo do UniBH, principalmente na disciplina de TIG, os laboratórios do curso ainda trabalhavam de forma disjunta com contribuições esparsas entre si.

No UniBH há, atualmente, quatro laboratórios distribuídos da seguinte maneira: Laboratório de **Jornalismo Impresso** (o mais antigo), com três estagiários e dois professores orientadores, que cuida do jornal laboratório "*Impressão*", com 33 anos e 200 edições, e da revista *Múltipla*. **Laboratório de Webradiojornalismo**, com dois estagiários e um professor orientador, que produz conteúdo para a Webradio do curso e sua programação diária com programas de várias editorias. **Laboratório de Jornalismo Online**, com um professor orientador e três estagiários, que cuida do projeto de jornalismo hiperlocal e convergente chamado *Jornal Daqui* (JD) e conduz o processo de convergência dos laboratórios; e o **Laboratório de TV** composto por um professor orientador, que contribui com a TV UniBH e com o projeto do JD. Já a UniBH TV, possui dois profissionais orientadores, um professor e sete estagiários que produziam, à época desta experiência, quatro programas para televisão universitária.

O projeto de jornalismo hiperlocal foi, em certa medida, um protótipo da convergência dos laboratórios. O JD faz a cobertura das notícias da região onde se encontra o campus, de forma convergente e participativa, utilizando diversas plataformas como a TV, por meio de um telejornal quinzenal, as redes sociais, uma página na web e uma página no jornal laboratório do curso. Porém, o projeto era conduzido, em sua totalidade, pela equipe do laboratório de jornalismo online e não contava com a colaboração dos demais professores ou estagiários. Diante dessa realidade dos laboratórios e com base na centralidade dos conceitos de convergência, multimídia e transmídia, pareceu-nos necessário experimentar esses conceitos com os laboratórios atuando nos processos, rotinas, produção e produtos.

O primeiro passo no sentido de melhorar a convergência de processos e de rotinas entre os laboratórios, foi realocá-los fisicamente para o mesmo ambiente, dentro do prédio que abriga as estruturas de estúdios e equipamentos usados pelas disciplinas do curso e pelos laboratórios, o Centro de Produção Multimídia (CPM).



Figura 1: Centro de Produção Multimídia (COM) do UniBH

Desta forma, buscou-se facilitar a comunicação e colaboração de forma que todos em suas produções cotidianas, específicas de cada

laboratório, pudessem atuar de maneira convergente e multimídia. Porém, mesmo com essa mudança, a primeira dificuldade para a convergência, e talvez a maior, apareceu logo neste início: os aspectos culturais e comportamentais arraigados à cultura transmissiva de produção jornalística. Tanto professores quanto alunos tiveram dificuldades para trocar informação sobre suas rotinas produtivas e pensar pautas, que em seu início já tivessem uma dimensão da convergência de mídias.

As justificativas para não convergência foram desde dificuldade de agenda entre professores orientadores para as reuniões de pauta entre os laboratórios, até a falta de sintonia e entendimento sobre os conceitos de transmídia e convergência. Mesmo com esses fatores dificultadores, alguns exemplos de colaboração e convergência apareceram, como contribuições entre a Webrádio e o projeto do *Jornal Daqui*, com a produção de perfis de moradores da região de entorno em áudio e a extensão para webrádio do tema do programa *Olhar Urbano*, da UniBH TV, sobre bairros da cidade de Belo Horizonte. Além disso, nos momentos de grandes eventos da instituição, como palestras e semanas da comunicação, os laboratórios trabalhavam de forma colaborativa para uma cobertura instantânea online. Em função deste cenário, percebeu-se a necessidade de criar um ambiente virtual único dos laboratórios do curso de jornalismo, para contribuir nos processos de colaboração e consolidar uma imagem de cultura convergente. Como formato, foi escolhido o portal (RAMOS, 2011), permitindo assim, a reunião do conteúdo de outros cursos do Instituto de Ciência Sociais Aplicada, do qual faz parte o curso de jornalismo.

Neste processo, caberia aos laboratórios de jornalismo desenvolver os conteúdos noticiosos sobre a comunidade acadêmica, notícias de diversas editorias, sobre o campo teórico do jornalismo, além de produzir uma pauta quinzenal multiplataforma e transmidiática, que envolvesse todos os laboratórios do curso.

Além do portal, as páginas das redes sociais dos laboratórios foram unificadas em torno da identidade do *Tudo Uni*, com exceção da UniBH TV, por se considerar que já havia um grande número de seguidores em

suas próprias plataformas. Porém, todo conteúdo era replicado na página do *Tudo Uni*.

Fase 1

O portal *Tudo Uni* entrou no ar em 2014. Como rotina de produção, para a pauta transmidiática e multiplataforma, foi estabelecido que todos os laboratórios (webradiojornalismo, on-line, impresso e a UniBH TV) levariam sugestões de pautas para uma reunião quinzenal e, por meio de votação, uma delas seria adotada como a pauta convergente.



Figura 2: Reuniões de pauta quinzenais do projeto *Tudo Uni*

Em seguida, cada laboratório sugeriria como iria abordar o tema, em linguagem condizente com suas rotinas. Uma vez definida a pauta, todos produziam isoladamente suas partes. Depois de publicada a reportagem, novas reuniões eram realizadas para análise do produto desenvolvido, seus problemas, acertos e desafios. Em todas as reuniões, tanto estagiários quanto professores foram incentivados a dialogar criticamente sobre processos e produtos.

Nesse primeiro momento, evidenciou-se a dificuldade de não sobrepor o conteúdo produzido em cada plataforma e de propor temáticas

que aproveitassem melhor a contribuição das diversas mídias. Assim, cada laboratório iria trabalhar sua expertise com o enfoque específico decidido na reunião, mas como resultado, percebemos que as matérias que construíamos pecavam pela desconexão entre os diversos elementos, ou até mesmo pela impossibilidade de expansão e continuidade, como propõe Moloney (2011). Muitas informações eram repetidas em mídias diferentes, sem que o foco principal fosse trabalhado, gerando textos desconexos, embora tangenciais.

Fase 2

Para o segundo semestre do projeto, adotamos uma nova estratégia na rotina produtiva, em que um laboratório designado apresentava uma pauta com sugestões de contribuição para cada mídia e linguagem, a serem desenvolvidas pelos outros laboratórios.

A sugestão de pauta era então discutida de forma coletiva, enfatizando o foco na história (LOONEY, 2012) e na linha condutora proposta pelo laboratório. As reportagens produzidas, a partir deste processo, se mostraram mais articuladas, com um fio condutor mais nítido e coerente. As diversas linguagens dialogavam, porém, ainda ancoradas pela lógica de leitura do impresso, adicionada a contribuições das outras linguagens.

O que chamou a atenção do grupo, neste momento, foi a influência dos formatos como postávamos o conteúdo para criar possíveis novas formas de engajamento. Em nossas discussões, percebemos que trabalhávamos com a mesma lógica linear de narrativa, na qual haveria um texto principal e os complementos viriam com as retrancas, ou seja, haveria um caminho de leitura claramente determinado para criar o sentido da reportagem, necessariamente conduzida pela leitura de um texto principal. Construimos, nesse momento, uma narrativa multimídia, mas que não se configurava na perspectiva transmidiática complementar, multiplataforma e com foco no engajamento.

Como pontos positivos, foi possível perceber o aumento do envolvimento dos membros dos vários laboratórios com o projeto e as possibilidades da convergência. A participação, principalmente, dos

estagiários, com sugestões de pauta e alternativas de narrativas, tornou-se mais consistentes. Contribuíram para este resultado a realização de oficinas de fotografia, locução e uma específica sobre narrativa transmídia no jornalismo.

Fase 3

Na terceira fase, iniciada no primeiro semestre de 2015, pareceu-nos necessária uma mudança na plataforma, que permitisse maior facilidade e liberdade de formatação na web. A plataforma utilizada anteriormente se mostrou complexa para uso e de difícil personalização, exigindo conhecimentos de programação que a equipe não possuía. O suporte técnico para realização do portal foi fornecido pelo laboratório do curso de Produção Multimídia e pelo departamento de arte da UniBH TV. Infelizmente, nessa mudança de tecnologia, os produtos realizados anteriormente foram perdidos, por impossibilidade de migração e de backup de uma plataforma à outra. Aliado a isso, passamos a discutir, nas reuniões de pauta, cada vez mais, o modo como apresentar a narrativa, pensando em formas mais fragmentadas e difusas, porém complementares.

Assim, refizemos layout do portal e retrabalhamos os objetivos e espaços de cada laboratório e curso dentro dele.

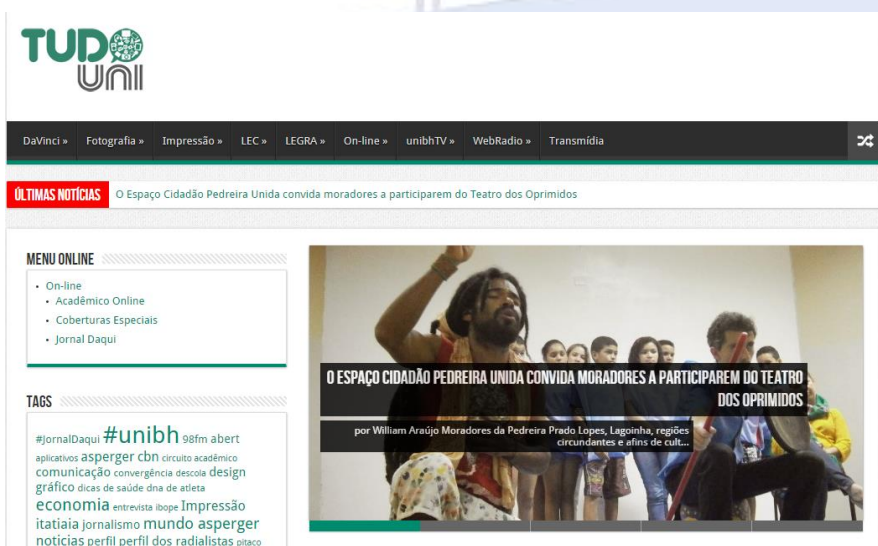


Figura 3: novo layout do site do Projeto *Tudo Uni*

A nova plataforma facilitou o processo de postagem, que se tornou mais ágil do que no sistema anterior, porém o objetivo de maior liberdade foi parcialmente atingindo nas reportagens intermídia.

Fase 4

Para o segundo semestre de 2015, fizemos nova alteração na rotina de trabalho. Após estabelecido, em reunião de pauta, o tema a ser abordado na pauta transmídia, constitui-se uma equipe de reportagem, com estagiários de cada laboratório e da UniBH TV. A partir disso, sob a orientação do Laboratório de Jornalismo Online, o grupo acompanha e analisa a pauta em todas suas etapas, já refletindo em narrativas com estruturas independentes, porém complementares. Ainda assim, a ancoragem na televisão mostrou-se fator limitador para a experimentação de novas linguagens, em função da infraestrutura e tempo necessário para produção e construção das reportagens.

Fase 5

A fase 5 e atual do projeto experimental de jornalismo transmídia multilaboratorial procura focar não mais na reportagem, mas nas possibilidades de extensão temporal de complementos, que constituem um universo ampliado em torno de temática específica: o jornalismo hiperlocal, com foco nas comunidades de entorno do UniBH. Desta vez, nossa ancoragem está não nas mídias, mas nas linguagens de áudio, vídeo, texto, infografia e, em breve, realidade virtual. Esta nova proposta encontra-se dentro do Projeto *Tudo Uni*, porém amplia seus horizontes de conexão e contribuição, dentro da perspectiva de Looney (2012). Passaram a integrar o grupo, professores e alunos dos cursos de história, games e outros parceiros como o *Grupo Era Transmídia*, de São Paulo, e o *Portal Uai*, dos *Diários Associados*, maior grupo de mídia mineiro. Estamos em projeto piloto.

A partir de janeiro, as publicações farão parte do Portal, permitindo maior visibilidade das produções. No mês de dezembro, iniciam-se as produções em *Realidade Virtual* e *Realidade Aumentada*. Acreditamos que a visibilidade trazida pelas novas parcerias nos permitirão trabalhar um dos aspectos mais relevantes, até agora negligenciado, do jornalismo

transmídia: o engajamento e participação de prosumidores na construção das notícias.

Reflexões finais

A implementação do projeto multiplataforma do *Tudo Uni* se mostrou um desafio, por encontrar entraves, principalmente em quatro dimensões. A primeira, e talvez a mais difícil de ser superada, foi a mudança dos hábitos, das rotinas e da cultura de isolamento dos laboratórios. Instituir a premissa da colaboração como processo do dia-a-dia não se mostrou fácil, havendo resistência por parte dos docentes e dos estagiários. Além disso, a necessidade de incorporar a cultura da convergência e hibridização das linguagens também se mostrou fator dificultador.

Exemplo disso foi a discussão sobre os limites de competências e de tarefas de cada laboratório sobre a produção das matérias convergentes. Em determinada pauta transmídia, foi sugerido ao grupo da webrádio, que trabalha basicamente com o áudio, a utilização de infográficos para melhor compreensão de determinados temas. Logo eles ponderaram que isso não era uma linguagem radiofônica e que não havia expertise entre os membros para essa construção.

Esse caso nos parece exemplar em relação à compreensão do processo de hibridização característico das narrativas transmídia ou mesmo de como as mudanças do mercado midiático exigem, do profissional, a aquisição de novas competências para oferecer uma informação mais completa, dentro do potencial que as tecnologias digitais apresentam. O lugar da fala, em nossa discussão do *Tudo Uni*, nos parece o lugar de uma cultura tradicional das mídias, ainda fortemente enraizada entre professores e surpreendentemente entre alunos, apesar de serem eles consumidores trans e multimidiáticos.

A segunda dimensão, que se mostrou um entrave para a construção das reportagens, foi a construção da notícia fora da lógica de uma narrativa linear. Produzir informação sem uma linha condutora de leitura (FLUSSER, 2007) se mostrou um desafio comum a todos. Articular as características de cada meio, sua linguagem e expertise, de forma que o usuário tenha diversas entradas para a reportagem e circulações

possíveis dentro do texto, exigiu da equipe uma compreensão das potencialidades das linguagens e um exercício de criatividade. Nossos maiores êxitos, de conteúdo, foram matérias multimídia, que tinha um percurso claramente linear, como a reportagem sobre as mulheres no mercado de trabalho (Fig. 4), em março de 2015.

DaÂncora » Fotografia » Impressão » LEC » LEGRA » De-fme » unibhTV » WebRádio » Transmídia

...desta para a comunidade (trabalhos em e-alteridade) local. Lemto e firme das marrenam carbonizadas.

Março se fez, assim, o **mês de mulher**. O dia oito foi oficializado pela ONU como o "Dia Internacional da Mulher", em reconhecimento a um longo processo de luta e conscientização em todo o mundo.

No Brasil, o número de mulheres supera o de homens. De acordo com o último censo demográfico, o país tem hoje cinco milhões de mulheres a mais que de homens. Somos cerca de 191 milhões de habitantes e, deste total, 51% são mulheres.

Sexo	Quantidade (em milhões)
Mulheres	~97
Homens	~94

Mulheres que, em 1827, viram como fruto de sua histórica luta pela igualdade de gêneros, a promulgação da primeira lei brasileira voltada à educação feminina, que lhes permitiu o acesso a escolas do primeiro grau. Cinquenta anos depois, o Governo Imperial autorizava que frequentassem o ensino superior.

Aqui no Centro Universitário de Belo Horizonte – Uni-BH, por exemplo, elas são maioria. Alunas, professoras, coordenadoras, diretoras, reitora e funcionários desempenham papel primordial na Instituição, como mostra a reportagem produzida pela Uni-BH TV:

Mulheres do Uni-BH

Trabalho

De acordo com o IBGE, em 2010, o percentual de emprego para mulheres com nível superior foi maior que dos homens, mas é preciso considerar que o resultado não implica em consequente empregabilidade, pois o mercado de trabalho não tem olhos imparciais para todas as vagas que oferece.

Figura 4: parte da reportagem sobre as mulheres no mercado de trabalho

A terceira dimensão diz respeito ao engajamento dos usuários por meio das redes sociais digitais e da própria reportagem. O diálogo com o

usuário funcionou muito mais no sentido da divulgação, do que em uma possibilidade de trabalho colaborativo (como contribuição em pautas ou até mesmo com material próprio). O usuário não foi chamado a participar, em nenhum nível, da construção das informações produzidas. Nesse sentido, a lógica transmissiva foi mantida.

A quarta dimensão mencionada, mas não menos importante, foi a de caráter técnico, pois o grupo esteve limitado em suas experiências, conforme o suporte de linguagem computacional se mostrou restrito. Muitas ideias e propostas não se mostraram viáveis, por não haver possibilidade de desenvolvê-las com *plug-ins* gratuitos ou até mesmo por serem sugestões que exigiam programação mais complexa. Essa experiência nos leva a pensar a necessidade de incluir, na formação dos futuros jornalista, noções de linguagem de programação para que, tanto na apuração como na construção da narrativa, o jornalismo possa usar ao máximo o potencial que a multimídia e transmídia trazem para o campo, construindo equipes multidisciplinares.

A experiência de convergência dos laboratórios do Centro Universitário de Belo Horizonte e a criação de um portal de jornalismo multiplataforma se mostrou rica e complexa. Ela exigiu de professores e alunos tencionarem os olhares sobre suas atividades cotidianas e experimentar novas potencialidades que a internet e a digitalização das mídias permitem.

Demandou um trabalho coletivo, colaborativo e sem caminhos certos ou respostas prontas. Isso permitiu uma construção conjunta entre estudantes e professores. A cultura do trabalho segmentado, em que cada um trabalha a sua mídia, sua linguagem e em uma função específica, se mostra um entrave para a convergência e principalmente os processos colaborativos, internos ou externos à redação. É preciso trabalhar esta dimensão de forma constante nos laboratórios para que se tornem lugares de experimentação e de aprendizagem de novas práticas e culturas. A nova fase em que entramos se mostra promissora nestes aspectos.

Referências

- ALZAMORA, Geane; TÁRCIA, Lorena. *Convergência e transmídia: galáxias semânticas e narrativas emergentes em jornalismo*. **Brazilian Journalism Research**, volume 8, número 1, 2012. Disponível em: <<http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/401/370>>. Acesso em: 12 out. 2015.
- ALZAMORA, Geane; TÁRCIA, Lorena. Proposta metodológica para análise de reportagens transmídia: estudo do projeto O Flutuador, da Rede Globo de Televisão. **Revista PJ: BR Revista do Jornalismo Brasileiro**, nº 16, Ano X, Janeiro-Julho de 2013.
- CORREA, Elizabeth Saad; CORREA, Hamilton. O ensino da comunicação e do jornalismo no panorama das mídias digitais: perspectivas para uma renovação do perfil de habilidades e competências. In: **Congresso Interamericano de Periodismo em Internet**, Salvador, Bahia: 24 e 25 de novembro de 2005.
- DANTAS, Marcos. Convergência digital: entre os “jardins murados” e as praças públicas. In: SEL, Susana (org.). Políticas de comunicación el el capitalismo contemporâneo: América Latina y sus encrucijadas. Buenos Aires: **Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales** – CLACSO, 2010.
- DOMINGUEZ, Eva. Periodismo transmedia, ¿nuevo o renovado? **Revista de los Estudios de Ciencias de la Informacion e Comunicacion**. Barcelona: Universitat Oberta de Catalunya. Número 13 (julio de 2012).
- FLUSSER, Vilém. **Linha e Superfície**. In: CARDOSO, Rafael (org). O Mundo Codificado. São Paulo: Cosac Naify. 2007, p.224
- GAMBARATO, Renira e ALZAMORA, Geane. Transmedia Storytelling Initiatives in Brazilian Media. Áustria, **Medien Journal** 4, Kommunikationsraum BRIC, 2012.
- JAMBEIRO, Othon, FERREIRA, Fábio, BARROS e Chalini. La Convergência como Condicionante da Regulação das Comunicações. In: **Revista Compólitica**, n. 1, vol. 1, ed. março-abril, ano 2011. Cidade: Compólitica, 2011
- JENKINS, Henry. Transmedia storytelling. Moving characters from books to films to vide-ogames can make them stronger and more compelling. **Technology Review**, 15 de Janeiro de 2003. Disponível em: <<http://www.technologyreview.com/biotech/13052>>. Acesso em: 12 out. 2015.

- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Tradução: Susana Alexandria. São Paulo, 2006
- JENKINS, Henry. **The Revenge of the Origami Unicorn: Seven Principles of Transmedia Storytelling**. 2009a. Disponível em: <http://henryjenkins.org/2009/12/the_revenge_of_the_origami_uni.html>. Acesso em: 12 out. 2015.
- LOONEY, Margareth. **5 Tips for Transmedia Storytelling**. Mediashift: your guide to the digital media revolution, 20 de jan de 2013. Disponível em: <<http://mediashift.org/2013/01/5-tips-for-transmedia-storytelling030>>. Acesso em: 12 out. 2015.
- MEC. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo. Portaria Nº 203/2009, de 12 de fevereiro de 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento_final_cursos_jornalismo.pdf>. Acesso em: 12 out. 2015.
- MOLONEY, Kevin T. **Porting Transmedia Storytelling to Journalism**. Master Thesis. University of Denver, 2011.
- PORTO, Denir Rennó; FLORES, Jesús. **Periodismo Transmedia**. Barcelona, Fráguas, 2012.
- RED ICOD. **Competências**: documento síntese. Beira Interior, Jueves, 7 julio 2005. Disponível em: <http://www.icod.ubi.pt/competencias/resultados/competencias_definitivo.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2006.